

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

DAVI CEZAR CAVALLI PRADI

**SEXO DEPRAVADO, LOUCO PERVERTIDO : A LOUCURA E A
PROBLEMATIZAÇÃO DO SEXO DESVIANTE NA OBRA *PSYCHOPATHIA
SEXUALIS* DE KRAFFT-EBING**

CURITIBA

2014

DAVI CEZAR CAVALLI PRADI

**SEXO DEPRAVADO, LOUCO PERVERTIDO : A LOUCURA E A
PROBLEMATIZAÇÃO DO SEXO DESVIANTE NA OBRA *PSYCHOPATHIA
SEXUALIS* DE KRAFFT-EBING**

Monografia apresentada à disciplina de Estágio Supervisionado em Pesquisa Histórica como requisito parcial à conclusão do Curso de História, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná

Orientadora: Prof^a Dr^a Ana Paula Vosne Martins

CURITIBA

2014

AGRADECIMENTOS

Agradeço imensamente à professora Ana Paula Vosne Martins pela confiança, disposição, conversas e por ter influenciado esta minha trajetória ao longo de tantos anos de graduação. À você minha grande admiração, respeito e carinho, por sempre se mostrar uma pessoa presente e preocupada neste momento tão importante para mim. Agradeço às discussões fervorosas, e sorrisos descontraídos de meus queridos amigos Carolina, Martha, Flora, André e Maurício, que tanto me ajudaram na conclusão desta etapa da minha vida.

AGRADECIMENTOS À FAMÍLIA

À minha mãe Tomi Matumoto Pradi, ao meu pai Daniel Cezar Cavalli Pradi, à minha nonna Aglair Teresinha Cavalli Pradi, ao meu nonno Jayme Pradi e ao meu irmão Giovanni Bruno Cavalli Pradi, meu profundo agradecimento por vocês serem minha base, meu porto. À vocês meu amor eterno e incondicional.

RESUMO

O presente trabalho objetiva a análise do discurso *Psychopathia Sexualis* de Krafft-Ebing. Datado de 1886, trata-se de um compêndio do discurso psiquiátrico marginalizador, e traz, enquanto discurso de autoridade, noções de sexualidade que almejam o controle produtivo e funcional dos sujeitos considerados sexualmente desviantes. Para compreender a forma como categorias sexuais são estrategicamente moldadas, buscamos delimitar qual a área de abrangência da produção do saber psiquiátrico sobre as sexualidades. O gênero, diante das noções de masculinidade, feminilidade e anormalidade, mostra-se enquanto uma categoria central nos debates das competências da psiquiatria. Assim, pode-se observar a importância do uso estratégico do conhecimento sobre a sexualidade, refinando categorias do discurso em favor do funcionamento do dispositivo do poder, produzindo o assujeitamento dos indivíduos definidos como sexualmente desviantes.

Palavras Chave: perversão, gênero, psiquiatria

ABSTRACT

The present study aims to analysis of the discourse of Krafft-Ebing *Psychopathia Sexualis*. Dated 1886, it is a compendium of marginalizing psychiatric discourse, and brings while speaking of authority, notions of sexuality that aims to productive and functional control of the subjects considered sexually deviant. To understand how sexual categories are strategically molded, which seek to define the area covered by the production of psychiatric knowledge about sexualities. Gender, on the notions of masculinity, femininity and abnormality shows up as a central category in the discussions of the competence of psychiatry. Thus, we can observe the importance of the strategic use of knowledge about sexuality, refining categories of speech in favor of the operation of the device's power, producing the subjection of the individuals defined as sexually deviant.

Key-words: perversion, gender, psychiatry

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO	08
2.	A FORMAÇÃO DISCURSIVA DA PSIQUIATRIA	13
2.1	O CONTROLE DOS CORPOS À DERIVA	14
2.2	PARADIGMAS DA PSIQUIATRIA	22
3.	PSYCHOPATHIAS SEXUALIS: NOÇÕES DE SEXO E GÊNERO	30
3.1	OS DISCURSOS DO SEXO	31
3.2	A BUSCA PELA SEXUALIDADE SADIA EM <i>PSYCHOPATHIAS SEXUALIS</i>	41
4.	CONSIDERAÇÕES FINAIS	50
	FONTES	52
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	53
	REFERÊNCIAS MULTIMIDIÁTICAS.....	55

1. INTRODUÇÃO

Pelo gesto, toque, palavra, a sexualidade faz parte da vida de todos os indivíduos, da infância à morte. Para além do sexo propriamente dito, ela é parte instituinte das subjetividades. Nesta pesquisa procuro compreender como a psiquiatria constrói seu saber acerca da sexualidade e do sexo anômalo a partir do livro *Psychopathia Sexualis*, de Krafft-Ebing, publicado em 1886, tendo como objetivo analisar o desenvolvimento do discurso psiquiátrico que, pelos seus esquadros, constrói as subjetividades e define as sexualidades a partir da dicotomia normal/patológico.

Primeiramente, para justificar a escolha deste tema, apresento nesta introdução alguns apontamentos a respeito de minha trajetória da graduação e das questões que levantei ao longo de alguns anos de pesquisa. No primeiro semestre de 2009 optei por frequentar o curso sobre a *História do Corpo*, título da disciplina ministrada pela professora dr^a. Ana Paula Vosne Martins, no curso de História da Universidade Federal do Paraná. Nesta matéria me deparei com diversos temas relacionados à temática do “corpo”: sexualidade¹, incorporação gestual dos discursos², o monstro³, entre outras. Paralelamente à *História do Corpo*, a discussão semanal sobre a pós-modernidade no Programa de Educação Tutorial de História da UFPR me instigou a procurar trabalhos que

¹ LAQUEUR, Thomas. *Inventando o sexo : corpo e gênero dos gregos a Freud*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

² HAROUCHE, Claudine. *Da palavra ao gesto*. São Paulo: Papyrus, 1998.

³ MARTINS, Ana Paula V. *O Martírio da Tenente Ripley : a mulher e o Mal no cinema de ficção científica*. In: Adelman, Miriam; Corrêa, Amélia S.; Ruggi, Lennita O.; Trovão, Ana Carolina R. (Org.). *Mulheres, homens, olhares e cenas*. Curitiba: Editora da Universidade Federal do Paraná, 2011, p. 153-159.

envolvessem questões de gênero, na perspectiva pós-estruturalista das teorias *queer*. Por conseguinte me deparei com uma vasta produção acadêmica que problematiza a construção dos sujeitos e das subjetividades nas configurações sociais e políticas. Nas palavras de Judith Butler:

(...) Ele cresceu, ficou mais velho. Com 14, 16 anos, seu jeito de caminhar rebolando ficou mais pronunciado, ele se tornou mais dramaticamente feminino e então ele começou a ser humilhado pelos meninos da cidade. E logo então dois ou três meninos interromperam seu caminhar e começaram a brigar com ele, o atiraram da ponte e o mataram. Então nós temos de nos perguntar por que alguém é morto pelo jeito que anda? Por que este jeito de caminhar é tão perturbador para os outros meninos a ponto de eles sentirem que deveriam negar esta pessoa, (...) parar aquele andar?⁴

A partir de relatos como este a temática das identidades sexuais e suas configurações históricas passaram a ser uma constante inquietação política e acadêmica. Ao término do meu vínculo com a pesquisa da Iniciação Científica em outubro de 2010, pedi orientação de pesquisa à professora doutora Ana Paula Vosne Martins. A partir de conversas sobre a possibilidade de problematização histórica que envolvesse a temática gênero e sexualidade concordamos em analisar os discursos que normatizam as sexualidades na psiquiatria, utilizando como fontes principais manuais e ensaios médicos.

Ao observar a produção historiográfica acerca deste tema é possível assinalar como problema central a escassez de documentação sobre gestos e práticas do cotidiano de pessoas historicamente marginalizadas, que são

⁴ Entrevista à filósofa Judith Butler, excerto do documentário *Judith Butler : philosophe em tout genre* produzido pela ARTE France & Associes em 2006.

silenciados e esquecidos⁵. Por outro lado, suas influências são bastante reconhecidas nos movimentos gays e feministas nas décadas de 60 e 70 e em suas repercussões acadêmicas que contribuíram para que as lutas políticas que envolvessem gênero e sexualidade acontecessem.

Na primeira etapa da pesquisa de 2010 realizamos o levantamento de fontes em cinco acervos de Curitiba, no entanto, em apenas dois deles obtivemos resultados efetivos encontrando livros e manuais psiquiátricos: Biblioteca Pública do Paraná e Fundação Santos Lima. Nestas obras, os sexólogos e psiquiatras estabelecem o vínculo sexualidade-loucura a partir da delimitação de categorias do discurso e da normatização das práticas e dos comportamentos.

Os estudos analisados foram publicados entre 1886 e 1911, época marcada pela eclosão do tema da anomalia relacionada à sexualidade nos escritos de psiquiatria. Percebeu-se, neste primeiro contato com as fontes, que para o controle efetivo dos sujeitos, o discurso e a prática fundamentam-se na classificação elaborada por Krafft-Ebing e como fator comum, as “causas” se encontram no princípio da degenerescência.

A reflexão que apresentamos nesta monografia foi desenvolvida ao longo de agosto de 2013 e maio de 2014 e é importante ressaltar que a parte destas observações elucidadas acima uma vez que instiga a busca pelo início desta categorização. Neste trabalho analiso o discurso psiquiátrico enunciado no livro *Psychopathia Sexualis* de Krafft-Ebing objetivando o desvelamento da categorização que este manual produz ao final do século XIX de indivíduos

⁵ ENGEL, Magali. *História e Sexualidade*. In: CARDOSO, Ciro F.; VAINFAS, Roberto (org). Domínios da História. Campus Editora, RJ. 2008

marginalizados pelo seu comportamento sexual anormal.

Para compreender a forma como categorias sexuais são estrategicamente moldadas, no primeiro capítulo da monografia buscamos delimitar qual a área de abrangência da produção do saber psiquiátrico enquanto um discurso de poder e de autoridade.

Para tanto, situamos a psiquiatria dentro do panorama político e social do século XIX, das políticas institucionais que se preocupam com a qualidade de vida em função da produtividade. Também neste capítulo trazemos ao leitor os processos de desenvolvimento do pensamento psiquiátrico, da destilação e aplicação de um saber em constante transformação ao longo do século XIX.

No segundo capítulo deste trabalho monográfico, analisamos os enunciados da sexualidade presentes na obra *Psychopathia Sexualis*. Patologia extensivamente tratada por Krafft-Ebing, a categoria *homossexualidade* é descrita tanto como sendo a característica principal e psicopatológica do perverso, quanto causa de um transtorno psicopatológico maior. Analisamos também a forma como o autor encadeia a sua nosografia na construção da homossexualidade e das formas de controle deste comportamento.

Embora visivelmente o foco do livro *Psychopathia Sexualis* seja a patologização a partir das noções de loucura masculina da época, Krafft-Ebing também descreve em algumas seções das *Histórias de Casos* os desvios comportamentais das mulheres.

Para além das definições polêmicas e nomenclaturas dos desvios, ou relatos psicosexuais que dão base à noção psiquiátrica de normalidade,

observamos neste capítulo o modo como Krafft-Ebing constrói as imagens da mulher como sendo parte fundamental no processo de controle dos sujeitos desviantes.

2. A FORMAÇÃO DISCURSIVA DA PSIQUIATRIA

Para compreender o invento dos sujeitos loucos e das sexualidades desviantes, neste capítulo fazemos uma análise das políticas institucionais que permeiam o discurso sobre os sujeitos marginalizados e que paulatinamente passam a se preocupar com a vida e o sexo. Num segundo momento procuramos compreender os paradigmas da psiquiatria ao longo do século XIX como se especializa e se verticaliza ao ter como foco da terapêutica e de seu discurso o sujeito de sexualidade desviante.

2.1 O CONTROLE DOS CORPOS À DERIVA

No século XVII o processo de racionalização da loucura concretiza-se no invento da internação de caráter jurídico e o antigo leprosário passa a ser ocupado pelo indivíduo ocioso – o louco, o miserável, o vagabundo.⁶ Para se compreender o cenário da assistência no século XVIII, Maurício Ouyama analisa as relações entre o nascimento da disciplina alienista e a formação de outros discursos e estratégias de poder que objetivava o assujeitamento pela disciplina.⁷ Sua explanação possibilita a compreensão do longo percurso que desembocou na criação da ordem psiquiátrica no século XIX, desde o funcionamento de outras experiências disciplinares, passando pelas diversas tecnologias de controle que dialogam entre si numa coordenação de poderes.

A internação destes sujeitos de “comportamentos não conformes⁸” é justificada na historiografia pela não adequação aos padrões econômicos e sociais e à nova concepção de trabalho nas sociedades modernas. Pelo questionamento desta segregação jurídica, debates éticos defendem uma nova postura institucional, de sensibilidade que não mais condene, mas administre a recuperação do ocioso e sua volta à vida social e ao trabalho, de forma respeitosa e assistencialista, laicizando a caridade e a miséria⁹.

⁶ Visto a eficácia do método, para além da lepra, o significado do controle do leproso é preservado e paulatinamente rearticulado na construção das figuras do pobre, do vagabundo, do louco e paralelamente, para a construção de um discurso de poder que abarque estes contingentes incômodos. FOUCAULT, Michel. *História da Loucura*. São Paulo: Ed. Perspectiva. 1972. Pp. 5, 6.

⁷ OUYAMA, Maurício N. *Uma Máquina de Curar*: o hospício Nossa Senhora da Luz em Curitiba e a formação da tecnologia asilar (final do século XIX e início do XX). Curitiba, 2006. p.25-26

⁸ CASTEL, Robert. *A Ordem Psiquiátrica*. Rio de Janeiro: Ed. Graal. 1978. P.9

⁹ FOUCAULT, Michel. *História da Loucura*. São Paulo: Ed. Perspectiva. 1972. Pp. 79-109

Preocupado com questões financeiras, o hospital ganha como principal função a produção econômica: a associação pela mão-de-obra barata de desempregados e ociosos internados, somado às reduções do custo da manutenção da ordem – uma vez que os internados eram ocupados com outras atividades – revela uma estratégia eficaz e barata de controle. Proporcionando base argumentativa a este dispositivo, a nova moral do trabalho ligada à religião convenientemente determina que o ocioso seja interpretado como um contraventor das leis de Deus.

Para além deste internamento, como explicita Ouyama, há também o internamento demandado pela *lettre de cachet*¹⁰, requerimento do chefe-de-família para a reclusão de um dos seus membros subordinados. De forma a acionar esta correção, este exercício demonstra a ligação entre o poder real e a esfera familiar por outro viés, o da manutenção da obediência e da honra por meio da ameaça.

Nos últimos anos do século XVIII, junto ao elemento simbólico da tomada da Bastilha – neste momento a tomada da Bastilha conduzida pelos pobres e indigentes demonstra o refluxo ao paradigma vigente da cumplicidade entre as instâncias do poder real, administrativo e familiar – inicia-se uma nova compreensão da riqueza, sendo agora esta adquirida apenas por intermédio do indivíduo que trabalha¹¹.

Este pensamento irá causar transformações nas estruturas do internamento naquele século e no seguinte. Uma vez que o poder real é deslegitimado, a *lettre de cachet* perde seu poder, assim como qualquer outra

¹⁰ CASTEL, Robert. *Op. Cit* P.9

¹¹ OUYAMA, Maurício N. *Op. Cit.*Pp. 26-40.

atitude qualificada enquanto arbitrária. No que se refere ao status dos enclausurados pela arbitrariedade deste mecanismo, apontados como objetos indesejáveis, a eles restaria a neutralização de seus corpos. Neste momento o status do pobre é percebido de forma diferenciada do status da mendicância: o pobre não é mais indesejável, pois não é mais improdutivo. Diferente do mendigo, seu potencial pode ser explorado, pois se dispõe ao trabalho.

Tenhamos pobres, nunca mendigos” elucida essa política de assistência. Os pobres são aqueles que trabalham. (...) a questão da assistência aos pobres deveria ser compreendida não como uma questão de caridade, mas de administração pública¹².”

A aproximação dos conceitos de riqueza e trabalho acarreta uma nova concepção de pobreza, mais próxima da realidade social e mais útil, enclausurar completamente seria desperdício de força produtiva. Desta maneira de se pensar o trabalho, nasce a matriz da nova assistência, facilitadora da reinserção do internado no meio social. Percebendo a utilidade deste novo arranjo, os discursos de controle do ocioso passam a se preocupar paulatinamente com as medidas para o bom funcionamento do dispositivo, num pensamento produtivo e econômico. Por este viés, a lógica vigente na organização do Antigo Regime é desconstruída, pois neste panorama organizacional não mais se objetiva a exclusão, mas o enquadramento da população pobre num cenário socialmente liberal.

¹² OUYAMA, Maurício N. *Uma Máquina de Curar*: o hospício Nossa Senhora da Luz em Curitiba e a formação da tecnologia asilar (final do século XIX e início do XX). Curitiba, 2006 p.42

Deste panorama econômico e social nasce o sentimento filantrópico traduzido em ações para trazer ao trabalhador, o verdadeiro pobre, recursos para assegurar seu bem-estar social. Mais do que isto, a filantropia é uma instituição que intervêm para garantir condições humanas de vida pelo equilíbrio entre os ricos e a classe mais numerosa.

No diálogo com a medicina, a Filantropia propicia à intervenção médica o valor da beneficência. Esta apropriação do final do século XVIII proporciona aos médicos a reivindicação de seu papel enquanto agente na organização social. É neste momento que, com a aspiração maior de esquadrihar racionalmente toda a existência humana, a reflexão médica busca a compreensão da fisiologia do corpo humano ligada ao intelecto, com isto demonstra seu projeto ambicioso de ser considerada a guardiã da Razão no âmbito físico e moral, aproximando-se das tecnologias de organização da sociedade. Porém, há um descompasso entre este projeto ambicioso e as reais condições para sua intervenção.

Neste mesmo período, tendo um diferente foco, menos teórico e mais prático, a Higiene Pública mostra-se como eficiente dispositivo de controle. Pela intervenção prática preocupada socialmente e materialmente com a salubridade, com o controle das massas, esta tecnologia da saúde volta seus olhos à organização do espaço urbano do final do século das Luzes.¹³ Questões como as condições habitacionais, a poluição do ar, os miasmas do cemitério, o direcionamento das águas e a quantidade de pessoas que habitam um mesmo espaço, se mostram, a partir deste momento, como sendo questões próprias ao

¹³ FOUCAULT, Michel. O nascimento da Medicina Social. In : *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1979,

olhar médico, uma vez que estes elementos podem contribuir para a proliferação de doenças.

Salubridade não é a mesma coisa que saúde, e sim o estado das coisas, do meio e seus elementos constitutivos, que permitem a melhor saúde possível. (...) é a base material e social. (...) A higiene pública é o controle político-científico deste meio.¹⁴

A Higiene Pública, pela inauguração da intervenção sobre a cidade, é apontada pela historiografia como a principal determinante na construção e desenvolvimento das instituições disciplinares da saúde, no refinamento das práticas. Também é responsável pela mudança paradigmática da medicina, de arte da cura para tecnologia de controle, a intervenção ao espaço urbano nunca antes havia sido considerada uma preocupação de ordem médica.

Ao observar este palco repleto de experimentações que se referem à saúde, à manutenção do bem-estar social, à organização social em torno das políticas de saúde, e a articulação do discurso entre as tecnologias de cura, é evidente que a constituição da Filantropia e da Higiene Pública converge num movimento de abertura das fronteiras do conhecimento sobre prática interventora do saber médico. Assim, mesmo demonstrando suas especificidades, essas experiências organizacionais prestigiadas pela sociedade acabam por apresentar uma preocupação bastante centralizada e comum nestes discursos: as condições para a vida. Ao se comparar com as demais tecnologias de cura e de controle, o alienismo mostrou-se como o modelo a ser autorizado por sua eficiência e coerência. Seu projeto objetiva abarcar o grupo dos

¹⁴ FOUCAULT, Michel, Op.Cit. Pg 93

desviantes pelo infortúnio da loucura utilizando práticas de sujeição refinadas num espaço delimitado. Não almeja o tratamento da totalidade e não trata os desviantes no meio social como as demais tecnologias de cura. A intervenção alienista procura a maior eficácia no tratamento dos sujeitos incapazes e, portanto, remove o louco, muitas vezes já segregado, de seu meio e o traz para o hospital. Ao alienista cabe a função social de tratar os alienados, considerados enquanto crianças grandes, sujeitos improdutivos, aos quais resta apenas a piedade e subordinação. Não podendo ser criminalizado e encarcerado pelas sanções médicas ou jurídicas, este sujeito ameaçador da ordem social será retirado de seu meio para ser tratado por uma terapêutica própria. É o advento da internação dos sujeitos de “comportamentos não conformes¹⁵” no dispositivo de poder intervencionista em formação, que imbuído por técnicas de controle específicas ao espaço hospitalar, dá início a experimentações disciplinares do século XIX, na busca do controle e domesticação deste contingente à deriva.¹⁶

Se por um lado a sociedade considera de suma importância a aplicação das tecnologias de saúde frente à disposição e distribuição do espaço urbano, e a preocupação em torno da garantia da saúde e da vida, por outro lado numa instância familiar o discurso médico de autoridade é um elemento fundante de outros discursos sobre a saúde, neste panorama da nova ordem social burguesa. Discursos médicos que debatem a doença ganham autoridade similar: a família autoriza a investigação médica do indivíduo doente, possibilitando a inserção deste em seu contexto familiar, valorizando e exigindo a ascendência e

¹⁵ CASTEL, Robert. *Op. Cit.* P.9

¹⁶ OUYAMA. *Op.Cit.* 60-63

descendência da boa saúde.¹⁷

Pela sua proximidade com a organização social, uma vez que a classe médica era em sua maioria oriunda da burguesia, e pela correspondência às demandas políticas da manutenção da saúde e da preocupação burguesa com a família e seus descendentes, a intervenção alienista inaugura vitórias por se mostrar eficaz diante de um contingente ainda não abarcado pelo discurso médico. A medicina mental é valorizada por sua eficácia enquanto tecnologia.

A partir deste contexto, a sociedade passa a ser percebida, pelo olhar familiar e institucional, de uma nova maneira, na qual há uma maior valorização da vida e como consequência deste novo olhar nasce, também, um novo tipo de preocupação no que diz respeito à sexualidade. O sexo não deve mais ser julgado, mas controlado, administrado, delimitado, pois agora, de acordo com os esquadros médicos, é preciso preocupar-se com o bem de todos.

A sexualidade começa a ser percebida como diretamente ligada aos problemas encontrados na nova sociedade industrial. Um exemplo disso são os problemas econômicos e políticos gerados pelo desequilíbrio entre o excesso populacional e as fontes de riqueza disponíveis, entre a mão-de-obra e o trabalho. Sendo assim, torna-se necessário uma maior preocupação com questões referentes à taxa de natalidade, idade de casamento, nascimentos legítimos e ilegítimos, frequência das relações sexuais, a maneira de torná-las fecundas ou estéreis e a incidência das práticas contraceptivas.

Diante disto, a nova sociedade burguesa, que tem por base o trabalho e a produção, passa a dar ao corpo um novo valor, ou seja, o de gerar pessoas

¹⁷ GAY, Peter. *A experiência burguesa: da Rainha Vitória à Freud. A educação dos sentidos.* Ed Companhia das Letras, SP. 1988. 235-238

mais úteis e, por isso, mais adequadas à nova forma de estruturação econômica, política, social e cultural. Ou seja, o sexo torna-se um problema por ser o meio de acesso à vida do corpo.

2.2 PARADIGMAS DA PSIQUIATRIA

Em descrição do imaginário do aparato terapêutico ideal, datado de 1817, François Emmanuel Fodéré, propõe o modelo de asilo que ressalta a importância da cena fictícia para surpreender o doente, um lugar que, pelos recursos mecânicos, físicos e místicos, envolveria o doente numa experiência de cura vigilante, que penetrasse seu corpo e sua mente. Pela proposição simbólica, pretende demonstrar ao sujeito que sua condição é a do controle total. Esta ideia de totalidade frente aos corpos e mentes será preservada no século XIX. Desta forma, como afirma Philippe Pinel, o tratamento para a loucura seria dado pelo grande aparato asilar, somado à descentralização do poder-saber. Em seu discurso é recorrente sua preocupação com a função de todos os que participam da cena terapêutica, em seus papéis estrategicamente determinados para a cura da mania. Seu discípulo, Jean Étienne Dominique Esquirol, afirma que ao médico ideal não cabe apenas a detenção do saber, assim como ao vigilante não cabe apenas observar; para a eficácia terapêutica é necessária a expressão física de cada indivíduo e seu empoderamento tático dentro do mecanismo de poder.

Um alienado entra, de repente, em seu delírio frenético com intervalos de calma, e ele segura de forma ofensiva, uma faca, um pedaço de pau, uma pedra. O vigilante, sempre fiel às suas máximas para manter a ordem e evitar atos de violência, avança com um ar intrépido, mas lento e gradualmente em direção ao louco, para evitar que se exaspere.¹⁸

¹⁸ PINEL, Philip. *Traité médico-philosophique*. Paris. Pp 90.

Estas regularidades propostas em seus discursos têm como fator comum, e de extrema importância, a preservação da essência desta instituição: a ordem e a polaridade clinicamente determinada entre agentes e assujeitados sendo que esta característica será preservada na construção do discurso psiquiátrico.¹⁹

No século XIX o estatuto do louco até então considerado como indivíduo sem razão, sujeito da mente delirante, passa a ser visto como detentor de uma força pura, vinda de suas paixões instintivas, de sua natureza e caráter em descontrolado. Pode-se observar recorrentemente algumas grandes categorias da loucura nos escritos deste período: a *mania* é a loucura aplicada às ideias. A *mania sem delírio* é o descontrolado dos instintos, porém não apresenta incoerência de ideias. A *monomania, ou melancolia*, é o delírio aplicado a uma ideia em específico, que de maneira tremendamente pertinente, acaba por se inscrever no próprio comportamento do indivíduo. Produzidas pelo discurso psiquiátrico marginalizador, tais nomenclaturas classificam o sujeito e, por este motivo, mostram-se enquanto objeto de pertinente indagação para a historiografia atual, uma vez que a coerção e o assujeitamento, dado pela edificação deste saber, contribuem para a constituição de relações de poder, criam noções patologizadoras e almejam o controle do corpo e funcional do sujeito²⁰. O interesse sobre a nosologia do louco dá espaço para o entendimento sobre a causalidade do distúrbio do indivíduo, numa busca pelo instinto em descontrolado.

¹⁹ FOUCAULT, M. *O poder psiquiátrico*. Ed Martins Fontes, SP. 2006. P.4

²⁰ FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade. Vol1 : A Vontade de Saber*. Ed. Graal. São Paulo, 2010.

Este empenho nosológico demonstra o interesse de Pinel em transformar o louco, anteriormente indiferenciado dos ociosos, em doente mental, no intuito de dar à psiquiatria em formação o caráter médico-científico.

Pela observação do doente mental o alienismo do começo do século busca categorizar o sujeito de acordo com os indícios que denunciam seu estado anormal, em uma visão semelhante à versão organicista usada para o diagnóstico da medicina. Porém, a procura por estes indícios na investigação interna dos corpos dos doentes é falha e as teorias que envolvem esta forma de patologização, por ora se encerram.

Dada uma doença é necessário determinar seu verdadeiro caráter e a ordem que deve ocupar num quadro nosológico.²¹

A transformação da loucura em doença é dada principalmente pelo esforço da denominação, numa tentativa de inseri-la na própria estrutura discursiva da medicina. Mesmo não verificada na investigação interna dos corpos, a doença mental seria enquadrada nos moldes patológicos, justificada nas proporções anormais corporais exteriores que a enfermidade ou a hereditariedade denunciaria. Após a breve e arbitrária verificação, o psiquiatra partiria para o tratamento dos sintomas, do delírio, das vontades e paixões irrefreadas. A partir desta teoria, pode-se notar a formação de um saber científico de tipo médico que objetiva o tratamento físico-moral dado à loucura, numa tentativa de se validar a terapêutica psiquiátrica²². Desta vontade científica, os

²¹ Pinel, Op. Cit. p 10.

²² Machado, R. *Danação da norma: medicina social e constituição da psiquiatria no Brasil*. Edições Graal, 1978 P. 375

esquadros da psiquiatria acabam por construir as regularidades do olhar clínico, do tratamento moral e paulatinamente do próprio assujeitado, atinando para o modo específico de como deve tratar cada tipo de loucura e atribuindo uma denominação para cada desvio .

A teoria das degenerescências, da hereditariedade dos transtornos mentais, de Benedict August Morel, fixa uma nova base explicativa, metodológica e científica da psiquiatria da segunda metade do século XIX. Afirma que a hereditariedade do instinto anormal pode ser dessemelhante, ou seja, filho de degenerado pode manifestar uma doença mental diferente da de seus ascendentes e de forma mais acentuada. Ao final, a perpetuação deste mal levaria à esterilidade. Portanto, em se tratando de uma esfera maior, a perpetuação do anormal por meio da reprodução levaria ao fracasso civilizacional.

A forma mais eficaz de sanar o problema da alienação mental, segundo Morel, seria a abstinência sexual ou o matrimônio. É importante observar o grande potencial explicativo deste paradigma, muito bem visto e aceito entre os psiquiatras da época e seus predecessores, por conter noções explícitas sobre a moralidade e a família enquanto unidade intocável que deve ser a todo custo preservada do perigo da exterioridade.

Partindo deste novo paradigma, e tendo sido aprovado pela comunidade científica, o controle deste contingente destinado à psiquiatria produzirá um diversificado leque de novas psicopatologias e subjetividades anômalas em relação ao comportamento desviante. Em seu empenho nosológico, a psiquiatria, a partir de meados de 1860, almeja cada vez mais classificar as aberrações sexuais por meio de seus sintomas morais e comportamentais.

A literatura diretamente ou indiretamente remetente à psiquiatria, a partir da segunda metade do século XIX, procura na sexualidade as causas das perversões. Em vista da produção psiquiátrica no século XIX, as reflexões anti-psiquiátricas atuais afirmam que o conhecimento sobre as noções de comportamento anormal do homem após o invento da teoria da degenerescência passou paulatinamente a se interessar pelas formas de perversões da própria sexualidade.²³ Ao observar a constituição e a legitimação da psiquiatria esta literatura aponta para a continuidade do paradigma da loucura no que se refere à presença de interesses políticos e sociais e da positividade da força produtiva e da moral, mas de sua ausência no que se refere ao discurso médico-psiquiátrico. Porém, torna-se inegável que o modelo anátomo-patológico da medicina não é o mesmo desta ciência em contínua formação. A psiquiatria, com a teoria da degenerescência, anuncia o afastamento dos padrões patológicos da medicina. A construção do sexo anormal, seja pelo comportamento, ou pelo desejo, limita os sujeitos aos regimes da psiquiatria que, de forma diluída e discreta, movimenta seu próprio discurso patológico para a manutenção do poder-saber.

O sexo²⁴, que para Michel Foucault se mostra como o *elemento mais especulativo, o mais ideal, o mais interior em um dispositivo de sexualidade que o poder organiza em suas capturas dos corpos, sua materialidade, suas forças, suas energias, suas sensações, seus prazeres*²⁵, será o principal elemento explicativo da causa dos desvios. Afastando-se da justificativa de

24 ENGEL, Magali. *História e Sexualidade*. In: CARDOSO, C.F.; VAINFAS, R. Domínios da História Ed. Campus. Rio de Janeiro, 1997. p. 437. Discorre sobre a existência desta vontade em se desvendar a sexualidade.

25 FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade*. Op Cit. p.205

controle dos contingentes sociais incômodos, a psiquiatria da segunda metade do século XIX se esforça pelo uso do vocabulário neutro, racional, científico em relação ao comportamento sexual. Por mais que neste momento haja o afastamento das amarras políticas do Estado, é inegável que o discurso psiquiátrico ultrapassa os limites desta disciplina e deixa de ser apenas objeto de interesse dos psiquiatras.

Prova disto são as interlocuções tanto dentro do escopo médico – por exemplo, as relações entre a ginecologia e a psiquiatria²⁶ – quanto em um patamar que extrapola os limites do conhecimento médico – por exemplo, a medicina e a literatura e a criminologia e a psiquiatria²⁷. Por muitas vezes, o conhecimento em torno das psicopatias sexuais perpassa e é perpassado por outros discursos.

A extensa produção de ensaios, livros e teses difunde o conhecimento de maneira intercontinental e interdisciplinar em publicações médico-científicas e para o público leigo interessado nos novos conhecimentos da medicina- que são de grande interesse às áreas vinculadas às políticas da vida.

Neste momento muitos autores, autoridades sobre o estudo médico e psiquiátrico da sexualidade, escreveram sobre anormalidades que beiravam à alteridade monstruosa, como o hermafroditismo, o onanismo, a inversão homossexual e a grande massa de incorrigíveis que assolava a população. Vale ressaltar que a construção da teoria das degenerescências por Morel, foi o

26 MARTINS, Ana Paula V. Um *Sistema Instável*: as teorias ginecológicas sobre o corpo feminino e a clínica psiquiátrica entre os séculos XIX e XX. In: Wadi, Yonissa M. e Santos, Nadia M. W.(org) *História e Loucura: Saberes, práticas e narrativas*. Edufu, MG. 2010

27 MACHADO, Leonardo D. C. N. *A patologização do desejo: o homossexualismo masculino nos manuais de medicina legal no Brasil das décadas de 1940 e 1950*. UFPR 2010.

grande arcabouço teórico que justificou moralmente as intervenções, os controles e assujeitamentos sobre a loucura e os seus correlatos desvios comportamentais.

A produção dos manuais pedagógicos²⁸ por sua vez, visa a profissionalização da prática e normatização do discurso que corroboram uma vasta nosografia²⁹. A história das psicopatologias trará ao fim do século XIX não apenas a temida e poderosa imagem incerta do “anormal”. Ela não marca apenas um triste capítulo na história das marginalidades, mas sim, traz à tona todo um aparato institucional e familiar, compreendido ao longo do século XIX³⁰. Num primeiro momento constrange o sujeito de conduta desviante à categoria patológica, contudo, para além disto, ao ser considerado “degenerado”, tanto a abrangência do controle da instituição psiquiátrica se destila, quanto o discurso ganha a oportunidade de se verticalizar e se multiplicar em minúcias a categoria “anormal” .

Neste capítulo buscamos entender como a sexualidade se torna um fator central na formação do louco e da instituição psiquiátrica tendo como base as questões sociais e políticas institucionais da época. Porém, a sexualidade também possui um ritmo próprio, um discurso paralelo, que se move em e por suas próprias definições. É necessário, portanto, para além da elaboração teórica da psiquiatria, analisar o processo interior aos discursos da sexualidade,

28 O conhecimento psiquiátrico sobre a sexualidade irá paulatinamente ganhando contornos próprios, normativos e pedagógicos: no manual português *Elementos de Psychiatria* de 1911, consta a inovadora inclusão das aberrações sexuais como parte fundamental da nosologia. Nesta publicação é perceptível a continuidade do grande prestígio ao método de Morel: “Foi só a partir do momento em que Morel, com uma visão genial dos phenomenos a estudar, fez intervir a causa na constituição dos grupos mórbidos, que em psychiatria surgiram as classificações naturaes ” MATTOS, Júlio. *Elementos da Psychiatria*. Porto: Ed. Chardron, DeLello & Irmãos. 1911. p.12

²⁹ Nosografia é a escrita médica que descreve a doença.

³⁰ FOUCAULT, M. *Os anormais*. Martins Fontes, São Paulo. 2001. Pp. 414- 419.

os discursos da verdade no sexo, para se entender a constituição do sujeito de comportamento sexual anormal.

3. PSYCHOPATHIAS SEXUALIS: NOÇÕES DE SEXO E GÊNERO

No segundo capítulo analisamos o discurso de Krafft-Ebing a partir do seu clássico estudo intitulado *Psychopathias Sexualis*, dando relevo às noções de gênero e sexo, entendendo-o como um discurso psiquiátrico de autoridade. Portanto, num primeiro momento analisamos suas ideias sobre a sexualidade e a formação do discurso sobre o sexo. Num segundo momento, tratamos da nosografia acerca da homossexualidade, esclarecendo o modo como Krafft-Ebing a vê dentro da psiquiatria. Nesta parte, a mulher será um fator central na construção destes sujeitos. Esposa, prostituta ou perversa, a mulher será construída nos relatos tanto pelo médico quanto pelo paciente de forma a dialogar diretamente com as noções de homossexualidade.

3.1 OS DISCURSOS DO SEXO

"A história tem por função mostrar que aquilo que é nem sempre foi, isto é, que é sempre na confluência de encontros, acasos, ao longo de uma história frágil, precária, que se formam as coisas que nos dão a impressão de serem mais evidentes. Aquilo que a razão experimenta como sendo sua necessidade, ou aquilo que antes as diferentes formas de racionalidade dão como sendo necessária, podem ser historicizadas e mostradas as redes de contingência que as fizeram emergir (...)."

Michel Foucault

Quando observado pelo prisma da sexualidade, o sujeito mostra-se tímido, marcado por seu tempo, produzido e localizado no patamar discursivo da sexualidade, que o limita ao controle sobre si, à posituação de sua função reprodutora, bem como o incentiva ao conhecimento da verdade, relacionada ao foro íntimo, sexual. Façamos uma rápida retomada dos séculos imediatamente anteriores à produção discursiva de Krafft-Ebing.

A partir do século XVII a sexualidade até então vivida pelos corpos pavoneantes e inscrita em discursos sem as amarras da vergonha começou paulatinamente a ser encoberta pelas verdades da norma. O ato de falar sobre o sexo se apropria de uma linguagem propriamente neutra, introjetada aos capilares da sociedade burguesa pelo cuidado ao se referir ao sexo no ato de confessar.³¹

Estas limitações do sexo por muitas vezes foram utilizadas para explicar a origem dos mecanismos repressivos da sexualidade. Michel Foucault, no

³¹ É produzido todo um conjunto de vocábulos puritanos preocupados em traduzir os sentimentos sexuais, de forma neutra, cuidadosa, porém minuciosa.

entanto, afirma que esses limites do falar, das proibições, restrições e recusas são apenas formas extremas de poder, longe de serem formas essenciais, são produtoras de uma verdade, numa função multilateral. Em suas palavras:

De modo geral eu diria que o interdito, a recusa, a proibição, longe de serem as formas essenciais do poder, são apenas seus limites, as formas frustradas ou extremas. As relações de poder são acima de tudo produtivas.³²

Há o anseio das minorias em conhecer a verdade sobre si, e, portanto, concordam com este dispositivo de poder, mesmo que numa estratégia inversa – pode-se observar por exemplo, a homossexualidade nas narrativas libertinas, no enaltecimento da voz da minoria em sua existência auto-afirmada.

Em pouco tempo não apenas possibilita-se o dizer e o saber, como se necessita do dizer e do saber. Ao sexual, por depuração moral da linguagem frente às novas regras da civilidade, atribui-se um local discursivo determinado e controlado, que se constrói pela disposição dos esquadros científicos do médico junto à reflexão determinista. E este determinismo³³ se estende de forma a considerar o próprio eu biologizado, limitado, cientificamente determinável e determinado.

Aos indivíduos resistentes ao engessamento masculino-feminino – estético e moral – que não se adequam a estas recém-formatadas diretrizes subjetivas da sociedade burguesa são destinados locais tidos como clandestinos, exilados em sua própria sociedade, pelos mesmos mecanismos de

³² FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Ed. Graal. Rio de Janeiro, 1979. P. 236.

³³ HAROCHE, Claudine. *Da Palavra ao gesto*. São Paulo: Papyrus, 1998.

organização da ciência sexual³⁴ que sustenta a construção da heterossexualidade numa relação de poder entre o lícito e o ilícito.

Por outro lado, o encaminhamento dos doentes aos hospitais torna as instituições locais reconhecidas como espaços de saber/poder: a hospitalização do doente faz com que outros fatores da sociedade e da natureza não mais interfiram no desenvolvimento da doença fazendo com que esta, agora, se mostre em sua forma mais natural, que possa ser enfim verdadeiramente conhecida³⁵.

(...) cumpre falar do sexo como de uma coisa que não se deve simplesmente condenar ou tolerar mas gerir, inserir em sistemas de utilidade, regular para o bem de todos, fazer funcionar segundo um padrão ótimo. O sexo não se julga apenas, administra-se. Sobreleva-se ao poder público; exige procedimentos de gestão; deve ser assumido por discursos analíticos. ³⁶

Seguindo este pensamento, ao final do século XIX os estudos científicos enfatizaram esta nova instituição de poder.

Pelo discurso médico-legal, a patologização do sexo torna-se uma medida social de grande poder, criadora de estatutos que extrapolam a sexualidade, como o do miserável. De toda forma, o diagnóstico psiquiátrico contribui para o estabelecimento de rótulos que, de forma categórica, restringem os sujeitos à construção discursiva de sua respectiva anomalia, assujeitando-o.

³⁴ Não apenas sexual, mas racial.

³⁵ BRANDÃO, Teixeira. (prof. de clínica psiquiátrica da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro) Elementos fundamentais da Psiquiatria Clínica e Forense. Ed Leite Ribeiro e Maurillo. Rio de Janeiro, 1918. Capítulo 3 Influência dos fatores biológico e social na alienação mental – O meio.

³⁶ FOUCAULT, Michel. Op. Cit. Vontade de saber, pp. 30-31

Reconhece-se ainda paralelos estabelecidos com outras ciências interessadas na construção das categorias sexuais, como a sexologia, a criminologia. Estas áreas do conhecimento muitas vezes falham ao tentar traçar os limites de sua própria disciplina, uma vez que as fronteiras dos seus interesses e das suas práticas tornam-se válidas apenas quando relacionadas umas às outras.

A determinação da loucura enquanto doença mental pela instituição psiquiátrica incluirá na sua lista de males o conjunto de perversões sexuais, que remetem a todas as práticas que objetivam o desejo puramente – como a homossexualidade, a masturbação, a sodomia e outros atos compreendidos na nebulosa fronteira entre a disfunção da genitália e a sua exterioridade à normalidade sexual que deveria existir somente nos quadros da heterossexualidade com funções reprodutivas dentro do matrimônio.

A função da ciência, justificada então pelos processos de interpretação e produção cultural que a precede, resume-se à tentativa de descrição dos indivíduos, acabando por produzi-los propriamente³⁷.

O gênero, diante das noções de masculinidade, feminilidade e anormalidade, mostra-se enquanto uma categoria central aos debates das competências da psiquiatria³⁸. Isto porque, segundo a historiadora Ana Paula Vosne Martins, os especialistas destas áreas estão alinhados à ideologia dominante no que diz respeito às definições de gênero. Esta foi uma categoria

³⁷ PRECIADO, Beatriz. Entrevista em vídeo – Redes. La2 em 16 de julho de 2006. Disponível em: www.youtube.com/watch?v=W8wfc2JNMd4. Acesso em 18 de novembro de 2010.

³⁸ MARTINS, Ana Paula V. Um Sistema Instável: As teorias Ginecológicas sobre o corpo Feminino e a Clínica Psiquiátrica Entre os Séculos XIX e XX. In: WADI, Y; SANTOS, N. M. W. (org.). História e Loucura: saberes, práticas e narrativas. EDUFU – Minas Gerais. 2010. Pp 17-18.

central na formulação do pensamento médico e psiquiátrico. A autora ainda completa:

Como construções categoriais naturalizadas, o gênero e a raça foram recorrentemente utilizados para explicar as diferenças, mas também para sustentar teorias deterministas tanto na ciência racial quanto na ciência sexual, ambas contemporâneas e articuladas entre si.³⁹

A necessidade de categorização da vasta gama de males e doentes mentais faz-se evidente do ponto de vista das instituições psiquiátricas, que conceituam a doença de forma a tornar o doente objeto de seu poder⁴⁰. Determinam enquanto patológico o comportamento de sujeitos e grupos sociais de difícil enquadramento dentro da sociedade, num diálogo de alteridades dentro do funcionamento de uma instituição disciplinar.

É notável como rapidamente se formaram o tipo moral particular no sexo de cada indivíduo. (...) A sexualidade perversa (...) é a degeneração anormal da *vita sexualis*.⁴¹

[il est bien remarquable de voir avec quelle rapidité relative se forme le type moral particulier au sexe de chaque individu. (...) Cette sexualité perverse (...) n'est qu'une dégénérescence anormale de la *vita sexualis*].

Respeitado pela comunidade científica da época e professor catedrático na Universidade de Estrasburgo, o psiquiatra alemão Richard Von Krafft-Ebing

³⁹ MARTINS, Ana Paula Vosne. Um Sistema Instável p.17.

⁴⁰ ENGEL, Magali. História e Sexualidade In: CARDOSO, C. F.; VAINFAS, R. (org.). Domínios da História.

⁴¹ Tradução livre do excerto do livro *Psychopathias Sexualis*, de Richard von Krafft-Ebing, psiquiatra alemão que cunha o termo *per vertio* em 1886.

(1840 – 1902) é o autor do grande compêndio dos desvios sexuais *Psychopathias Sexualis*⁴².

O compêndio *Psychopathias Sexualis*, originalmente escrito em alemão, e posteriormente traduzido para o francês e para o inglês, possui como característica nosográfica principal a permeabilidade entre os pensamentos do autor – devidamente fundamentados e explicitados ao longo da obra – e as *Histórias de Casos*, relatos de sessões ministradas ou assistidas por ele mesmo, ou então relatos da literatura ou folhetins da época⁴³.

Seus leitores⁴⁴ são médicos, psiquiatras, juristas e outros intelectuais da época que também se fascinavam pelos temas médicos, especialmente os chamados distúrbios da sexualidade, e, portanto, pela própria sexualidade.

Esta obra tem sua importância vital para a ciência do final do século XIX e início do século XX. Escrita no formato de manual, ela revela o esforço do médico-cientista para conhecer os mais variados desvios, por meio um vocabulário ora poético, ora científico e neutro. Segundo o historiador Leonardo Diogo Cardoso Nogueira Machado⁴⁵, este é o primeiro esforço em reunir os saberes sobre os desvios da sexualidade no campo da psiquiatria, categorizá-los e divulgá-los.

É recorrentemente lembrado na literatura que trata da história da sexualidade como o criador dos termos *sadismo*, *masoquismo* e *fetichismo*, denominações agrupadas no grande leque de perversões sexuais⁴⁶. Para além da

⁴² *Psychopathias sexualis* é publicada em 1886.

⁴³ Como é o caso do famoso assassino de mulheres “Jack, o estripador”.

⁴⁴ O título está em latim, o que demonstra seu leitor ideal.

⁴⁵ MACHADO. Leonardo D. C. N. Op.Cit. Pp. 48-64

⁴⁶ FOUCAULT, Michel. Op. Cit. Pp. 212, 219, 355.

invenção destes desvios patológicos, Krafft-Ebing também é reconhecido por descrever a homossexualidade⁴⁷ enquanto perversão, portanto a explicação para essa anormalidade não precisaria se sustentar em indícios anatômicos.

É importante ressaltar que em *Psychopathias Sexualis*, Krafft-Ebing defende insistentemente a cientificidade do seu pensamento, suas convicções justificam-se por exemplos do Ocidente ao Oriente, passando por argumentos de seus contemporâneos e retomando visões que remetem ao Antigo Testamento.

Pelas noções nosológicas das perversões sexuais demonstra, em duzentas e trinta e oito Histórias de Casos, a verdade deste discurso sobre o sexo. No caso cento e sessenta e três, por exemplo, Krafft-Ebing assenta:

Caso 163. Viragينية⁴⁸

Srta. O., 23 anos. Mãe com grave histeropatia constitucional. O pai da mãe era insano. A família do pai sem taras. O pai morreu cedo de pneumonia. A paciente me foi trazida por seu curador porque fugira recentemente de casa em trajes masculinos a fim de percorrer o mundo e tornar-se uma “artista”. Fortes dotes musicais.

Durante vários anos chamou muita atenção por seu comportamento audaz, masculino, e por usar o cabelo e os trajes segundo a moda masculina. Desde os 13 anos fazia demonstrações de seu amor pelas amigas, que frequentemente aborrecia com seus ardorosos abraços.

Não procurava ocultar sua afeição apaixonada por pessoas do mesmo sexo. Declarou que desde os 13 anos tenha plena consciência

⁴⁷ Ao longo da segunda metade do século XIX as práticas sexuais homossexuais começaram a saltar não somente aos olhos vigilantes da justiça, mas da medicina e da psiquiatria. A imagem do sodomita, homem condenável por seu ato ilegal, começa a ser substituída pela figura da sexualidade do homossexual, que não deveria ser vista como um criminoso, mas como um sujeito de natureza anômala, e não apenas um ato sodomítico, mas uma forma particular de comportamento ao qual é atribuído paulatinamente um tratamento específico.⁴⁷

⁴⁸ Por Krafft-Ebing, viragينية indica a perversão da mulher que manifesta desejo pelo mesmo sexo e, diferentemente do Lesbianismo, manifesta a repulsa pelo comportamento e sentimentos considerados femininos.

do fato de que somente poderia amar mulheres. Sentia-se um homem junto das mulheres; parecia um homem e preferia muito mais usar roupas masculinas.

Recentemente pedira a um parente que trabalhava no departamento de polícia que lhe conseguisse a permissão de andar em trajes masculinos. Seus sonhos eróticos giravam apenas em torno de ligações íntimas com amigas. Nunca teve o menor interesse por homens e jamais pensou em casamento. Sentia-se bastante feliz em sua condição sexual anormal e não a reconhecia como patológica. Não compreendia que seu instinto sexual diferia do de outras mulheres⁴⁹

Como podemos observar no caso citado, como nos outros relatos apresentados pelo autor que há uma identificação rápida e objetiva do sujeito em seu meio que precede o relato do caso e o pré-define, em uma fórmula necessária para a afirmação do discurso científico de autoridade⁵⁰. Inicia a *História de Caso* intitulando-o de acordo com o diagnóstico. Em seguida, atribui ao sujeito em anonimato a inicial do primeiro nome e a idade - no caso, “Srta. O., 23 anos”.

É importante atentarmos para a estratégia que o uso do anonimato representa na construção da obra. Esta forma de relato, que foi inventado nas experimentações confessionais religiosas do século XVII, é apropriado pela ciência no século XIX para se construir os discursos médicos e jurídicos.⁵¹ A preservação do nome faz remete à ideia de que o indivíduo falou francamente de seu distúrbio comportamental sexual e de suas condições de vida. Esta herança discursiva transformada faz com que o médico possa usufruir da plena potencialidade de seus instrumentos patologizadores.

⁴⁹ KRAFFT-EBING, Richard Von. *Psychopathia Sexualis*. Ed. Martins Fontes, SP. 2001.

⁵⁰ FOUCAULT, M. *Arqueologia do Saber*. Ed. Forense Universitária, SP. 2008. Em “As Regularidades Discursivas”.

⁵¹ FOUCAULT, M. *Vontade de Saber*. Op. Cit. Pp. 70-76

A profissão ou status social perante a sociedade neste caso não foi apontado, acreditamos que por ela não se encaixar em nenhuma atividade profissional pois como mulher ela apresentava um comportamento considerado anormal na sociedade da época, a mulher masculizada – questão que analisaremos posteriormente. Contudo em muitos outros casos a profissão é discriminada e, dentre inúmeras profissões, o que se é salientado nos relatos é a grande preocupação do sujeito em esconder a sua sexualidade desviante em prol da boa aceitação social.

Na sequência da exposição dos casos Krafft-Ebing aponta a condição psíquica dos ascendentes, geralmente do pai e/ou da mãe – no caso citado acima “Mãe com grave histeropatia constitucional” e ainda “O pai da mãe era insano”. Pode-se perceber as amarras da teoria da degenerescência⁵² que busca nesta categoria a causa do desvio. Neste caso em especial o médico indica o distúrbio psíquico do avô, o agravamento no distúrbio da mãe e por fim, a acentuação da herança degenerada na anormalidade sexual da filha.

Todas estas indicações feitas por Krafft-Ebing precedem qualquer tipo de relato propriamente dito. Só após feita tal organização das causas é que o psiquiatra atentará para a individualidade da trajetória de vida e as características dos sujeitos.

Como neste caso não havia probabilidade de reprodução - “Nunca teve o menor interesse por homens e jamais pensou em casamento” - não havia também nenhuma advertência quanto aos riscos do ato sexual e de sua decorrente perpetuação degenerativa. Mas, em outros casos, quando traz à tona a história de vida dos pacientes, o autor coloca sua opinião frente ao perigo da

⁵² Este pensamento remete à teoria da degenerescência de Morel.

reprodução.

Por este padrão estrutural, *Psychopathia Sexualis* apresenta aos leitores as diversas formas de sexualidade anormal. Padroniza a forma na observação do comportamento do desviante - do seu instinto sexual ao outro – e dando continuidade ao paradigma da degenerescência reitera a preocupação com o sexo anormal enquanto obscuro e perigoso e em relação ao avanço da civilização. Reitera o perigo da reprodução acentuada e incerta dessa espécie anormal e, portanto, por este manual o psiquiatra expressa o valor da categoria que anuncia a fatalidade do indivíduo nascido de mãe ou pai anormal.

Na sequência, após apresentarmos a estrutura dos casos e a forma como Krafft-Ebing encadeia os elementos em seu discurso, nos dedicamos a analisar a questão homossexual, destacando sobretudo a forma como foi construída em relação à possibilidade de retorno à normalidade, utilizando a mulher enquanto recurso terapêutico e provocativo.

Acreditamos ser um ponto central das discussões por ser compreendida e construída pelo autor por dois vieses, enquanto *congénita*, perversa, como também *adquirida*, pervertida. Para Krafft-Ebing seria necessário o tratamento moral da sexualidade, pois o desenvolvimento da humanidade não teria continuidade sem o sentimento sexual heterossexual⁵³.

⁵³ Krafft-Ebing recorre ao pensamento de Maudsley em Deutsche Klinik de 1873 “Were man to be robbed of the instinct of procreation and all that arises from it mentally, nearly all poetry and, perhaps, the entire moral sense as well, would be.”

3.2 A BUSCA PELA SEXUALIDADE SÁDIA EM *PSYCHOPATHIAS SEXUALIS*

“No contexto oitocentista de redefinição dos saberes e práticas de subjetivação foram os corpos das mulheres e a subjetividade feminina que se tornaram mais problemáticos para médicos, escritores e artistas oitocentistas. Para uns, fontes da beleza, do mistério, do desejo e do amor; para outros, senão para a maioria, o corpo e o sexo feminino eram compreendidos como sinônimos e vistos como ameaça à integridade física e moral masculina”⁵⁴

Ana Paula Vosne Martins

Ao longo da segunda metade do século XIX as práticas sexuais homossexuais começaram a saltar não somente aos olhos vigilantes da justiça, mas da medicina e da psiquiatria. A imagem do sodomita, homem condenável por seu ato ilegal, começa a ser substituída pela figura do homossexual, que não deveria ser visto como um criminoso, mas como um sujeito de natureza anômala, não apenas um ato sodomítico, mas uma forma particular de comportamento, ao qual é atribuído paulatinamente um tratamento específico.⁵⁵

Cunhado em 1869 na obra *Die Konträre Sexualempfindung*, de Carl Westphal, o termo “inversão sexual” se refere ao desejo sexual pelo mesmo sexo. O próprio termo é autoexplicativo quando pensado em relação à todo o processo que de concepção de uma sexualidade normal. Ela se manifesta como o contrário ao natural, ao anatômico. Desta forma binária de se pensar a sexualidade, o homem invertido seria, portanto, detentor de uma parcela de feminilidade.⁵⁶

⁵⁴ MARTINS, Ana Paula Vosne. Um Sistema Instável p.17

⁵⁵ História da sexualidade volume 1

⁵⁶ MACHADO, L. *A patologização do desejo: o homossexualismo masculino nos manuais de medicina legal no Brasil das décadas de 1940 e 1950*. UFPR 2010

Assim como Carl Westphal, Krafft-Ebing também atenta para a questão da norma e da perversão do sexo. Ao destacar o papel da sexualidade para a formação individual e social ele afirma que:

A sexualidade é o fator mais poderoso na existência individual e social; o mais forte incentivo para o esforço rigoroso da força e de aquisição de bens, para fundação de uma casa, e para o despertar de sentimentos altruístas, em primeiro lugar para uma pessoa do sexo oposto, então, para a prole, e, num sentido mais amplo, para toda a humanidade.⁵⁷

Para além desta noção introdutória presente nas generalidades de *Psychopathia Sexualis*, a sexualidade também será construída em paralelo com as noções da homossexualidade, noções contidas nas páginas referentes à nosografia e às Histórias de Casos. É interessante se pensar mediante esta afirmação que o final do século XIX será o palco para o medo ao anormal e mesmo um específico tipo de sentimento de racismo⁵⁸ atribuído a este contingente que é construído e contribui para a construção da alteridade homem-mulher. Krafft-Ebing afirma que na *relação homossexual, o homem sempre sente-se como uma mulher; e a mulher como um homem.*⁵⁹

Em sua descrição e diferenciação da homossexualidade o autor fixa duas tipologias para os homens de sexualidade homossexual. A primeira, homossexualidade congênita, perversa, é vista como a detentora de um mal incorrigível, objeto causal do anormal. Para esta homossexualidade, similar à inversão sexual⁶⁰, fruto da reprodução degenerativa do anormal, não existe

⁵⁷ Krafft-Ebing. Op. Cit. Pg1

⁵⁸ Foucault, A vontade de saber. Op. Cit. Pp. 51, 137.

⁵⁹ Quando se refere à Viragindade em sua extensa nosologia sobre a homossexualidade.

terapêutica, e sim o controle do sexo. Não há possibilidade de retorno à normalidade uma vez que este desvio é inato.

No caso de ser *adquirida*, a homossexualidade ocupa outro patamar, o da anormalidade reversível, pois o sujeito é pervertido por algum estímulo sexual externo, pela *híperestesia*⁶¹, assim, a homossexualidade não é considerada enquanto um problema da constituição do sujeito e nem determina necessariamente o ato sexual com o mesmo sexo, mas o sentimento de atração pelo mesmo sexo. Contudo, a homossexualidade adquirida está enquadrada em sua nosografia, por mais que seja considerado um distúrbio ocasional.

No caso cento e trinta e oito é possível entender as preocupações do próprio anormal na busca para ser tratado e curado. Em relato ao psiquiatra, Z. diz ser um homem insatisfeito com sua condição homossexual, temendo que o desvelamento de seu desejo secreto o levasse à ruína familiar e profissional. Além disso, o paciente concorda que em sua trajetória de vida, sua moral teria se debilitado, uma vez que se não respondia às suas responsabilidades enquanto pai e marido. Passa a ser objeto de grande interesse do psiquiatra, como pode ser observado pelo detalhamento do caso:

Caso 138. Homossexualidade

Z., 36 anos, atacadista; pais supostamente saudáveis; desenvolvimento físico e mental normal; doenças infantis irrelevantes; aos 14 anos onanismo por conta própria; aos 15, começou a entusiasmar-se por meninos da sua idade. Nunca teve a menor curiosidade pelo sexo oposto. Aos 24 anos visitou pela primeira vez um bordel, mas saiu correndo quando viu a figura da mulher nua.

Aos 25, relações sexuais com homens semelhantes a ele (abraços fervorosos com ejaculação, às vezes masturbação mútua).

Por motivos profissionais e com vistas a se curar de sua paixão

⁶¹ Hiperestesia (desejo acentuado, satíriase). Nesse estado existe uma impressionabilidade anormalmente acentuada do impulso sexual a estímulos orgânicos, psíquicos e sensoriais (libido anormalmente intensa, luxúria, lascívia). Krafft-Ebing, Richard Von. *Psychopathias Sexualis*.

anormal, casou-se aos 28 anos com uma dama dotada de muitas qualidades físicas e mentais. Com a ajuda da imaginação (pensando na relação com um homem jovem e bonito), Z. conseguia ser potente com a esposa, que amava apaixonadamente de coração. Esse esforço, contudo, provocou uma neurastenia. Depois do nascimento de seu filho, foi se afastando gradualmente da esposa – que, de qualquer forma, possuía uma natureza frígida -, sobretudo por sentir-se acuado com a idéia de procriar uma prole afetada de sua própria anomalia. Sentimentos e pensamentos homossexuais começaram a dominá-lo novamente, e ele tentou erradicá-los por meio da masturbação . Apaixonou-se por um homem jovem e bonito, mas venceu sua fraqueza à custa da própria saúde, pois a árdua batalha produziu uma forte crise de neurastemia cerebral. Procurou-me para obter conselho, já que sua tendência homossexual tornara-se intensa demais para que ainda pudesse resistir a ela. Temia que sua aflição secreta fosse descoberta, tornando insustentável sua posição na sociedade. Como muitos dos que padeciam do mesmo mal começara a beber. Mas descobriu que embora o álcool aliviasse seus distúrbios (debilidade física, inércia e depressão psíquica), aumentava sua libido.

Z. era um homem de idéias refinadas, intelectualmente bem-dotado, de aparência masculina e normal. Deplorava profundamente sua situação e odiava sua fraqueza diante da automasturbação (às vezes também mútua).

Beijos e abraços mútuos satisfaziam-no. Dizia ter afundado tanto moralmente que de bom grado se entregaria à sua paixão perversa não fosse pela consideração que tinha pela esposa e pelo filho.

Meu conselho foi combater arduamente esses impulsos homossexuais, desempenhar seus deveres maritais sempre que possível, abster-se de álcool e masturbação, o que aumenta os sentimentos homossexuais e mata o amor pelas mulheres, e submeter-se a um tratamento para a neurastenia.⁶²

Notamos neste Caso, que segundo o médico a superação deste instinto pervertido se daria pelo controle a estes impulsos momentâneos, pela insistente negação ao desejo patológico e o retorno ao matrimônio – Meu conselho foi combater arduamente esses impulsos homossexuais, desempenhar seus deveres maritais – seria o recurso terapêutico. Sem o sexo, o homem estaria fadado ao fracasso pessoal e civilizacional.

⁶² KRAFFT-EBING. Op. Cit. P. 180

Para além da proposta terapêutica do psiquiatra, ao dar enfoque ao discurso do paciente, é possível observar esta mesma problemática pela fala de quem é ou está em delírio. Z. busca a cura de sua anormalidade no matrimônio antes mesmo da proposição do psiquiatra. Possui um sentimento de não pertencimento à sociedade da época devido ao seu desejo sexual por ele mesmo considerado anômalo.

É recorrente o aparecimento das mulheres nas Histórias de Casos enquanto culpadas pelo estado sexual do homem casado anormal. No caso cento e trinta e oito, citado anteriormente, por exemplo, Krafft-Ebing justifica também o sentimento e comportamento de Z. pelo desempenho sexual da esposa - “que, de qualquer forma, possuía uma natureza frígida”. Logo, a ideologia de gênero, do papel do feminino como a face passiva e inferior ao papel masculino na instituição familiar⁶³, pensamento central à ciência psiquiátrica, que utiliza e reitera verdades acerca deste pensamento binário hegemônico de gênero, que fixa a mulher à função maternal. Como afirma Cintia Osga:

A negação de que a mulher pudesse ter desejos sexuais tão fortes como nos homens parece mesmo estar no problema que estes desejos poderiam causar em relação à responsabilidade geradora da mulher e ao seu importante papel na instituição familiar⁶⁴

Mulheres da mesma classe social que o paciente, as esposas eram indicadas como instrumentos de cura para a inversão, pelo fato de representarem uma força social capaz de levar à normalidade os pacientes e

⁶³ RAGO, Magareth. *Os Prazeres da Noite*: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo, 1890-1930. Ed. Paz e Terra, Rj. 1991. P. 145

⁶⁴ Osga, Cintia. *A Questão Sexual*: Ciência, interdição e direcionamento. P 33

isso se dava por meio dos preceitos da família e da moral. Porém, vale ressaltar que estas mulheres acabavam por ser condenadas a uma vida infeliz ao lado de maridos insatisfeitos, e que este lugar do não prazer era destinado socialmente a elas.

Assim como Z. recorre ao matrimônio por sentir-se deslocado frente à sociedade do século XIX, outros buscavam a cura da homossexualidade pelo sexo normal. Trata-se de forçar o relacionamento com as prostitutas, de classe social inferior à do paciente, que eram vistas como agentes de cura por sua experiência sexual e pela ausência de pudores, permitindo aos pacientes, até mesmo, usufruir do sexo experimental que no caso das mulheres “decentes” não era permitido.

Nestas histórias de casos de homossexualidade mais uma vez temos a mulher, sua sexualidade e seu corpo servindo ao homem. Seja para garantir-lhe uma sexualidade plena ou para livrar-lhe de mazelas, é a sexualidade feminina, aquela que historicamente foi negada ou mesmo cerceada e normatizada em nome de um ideal cristão⁶⁵ ou mesmo cientificista, que deverá garantir ao homem o pleno direito do seu corpo e da saúde sexual e mental.

Neste período, ser bem sucedido na relação sexual com uma prostituta significava, para o homem, uma prova de sua condição sexual normal nos parâmetros esperados pela sociedade, como podemos afirmar a partir da análise dos casos. Elas também eram procuradas com o intuito de descarregar o excesso de apetite sexual dos homens dessa sociedade, pois sem elas ocorreriam acúmulos penosos e até repulsivos. Este papel de absorção dos

⁶⁵ Krafft-Ebing baseia seu pensamento sobre a mulher no Antigo Testamento. Como apontado nas considerações gerais de *Psychopathia Sexualis*.

excessos sexuais masculinos acabava por conferir à figura da prostituta o símbolo da mulher maligna e inferior⁶⁶, já que o homem descarrega nela todo o mal que acompanha seu apetite sexual inaceitável, tornando-o um homem bom novamente, mas obrigando-a a absorver toda a maldade contida nele .

Moralmente inaceitável, a prostituição é uma atividade controlada pelo homem e para o homem, numa profissão em que a mulher que ganha a vida vendendo sexo tem seu local social circunscrito dentro de uma lógica instrumental patriarcal. São eles, os homens, que também gerenciam sua atividade, que empregam seus corpos e pagam seus serviços, que ditam suas preferências, narram seus desejos e exigem o seu gozo.⁶⁷

Para o homem em perversão, o corpo da prostituta é o território da tentativa de obter o prazer masculino permitido e, portanto, de uma possível sexualidade sadia para a promoção de uma masculinidade livre de perversões e taras que promovem a degeneração individual e social. Serve ao anormal que precisa livrar-se de suas anomalias: o homossexual e também outros desviantes hiperestésicos que manifestam desejo pelo mesmo sexo por vezes procuravam nestes serviços a libertação de seus males.

Como podemos ver em diversas Histórias de Caso, o paciente perverso percebe na mulher, na prostituta, uma possível solução para suas anomalias. Mas também ocorre quando a ele se sugere o casamento, pois o matrimônio é visto como uma possível via de resolução de problemas sexuais masculinos – ou podemos até mesmo considerá-lo uma fuga ou subterfúgio. A esposa, assim como a prostituta, permanece como um indivíduo sem vontade e sem direitos

⁶⁶ SELLERS, Terrence em *Introdução à Psychopathias Sexualis*. P 15

⁶⁷ RAGO, Magareth. Op. Cit. Pp. 140-144.

sobre o seu corpo, um território para o desfrute masculino, seja para divertir e garantir o gozo dos homens, tanto homossexuais inatos, quanto de pervertidos homossexuais, que se entendem dentro deste modelo de sexualidade normal. Prazer e autoafirmação da masculinidade sobre o corpo feminino: este é o desejo confessado a Krafft-Ebing.

Esta visão sobre a sexualidade da mulher e os sentimentos femininos são reiterados quando Krafft-Ebing descreve a mulher homossexual com qualidades ou características que extrapolam a figura da mulher submissa constantemente reiterada nas Histórias de Casos. Para além da satisfação sexual pelo *amor lésbico*⁶⁸ o doutor enquadra tais mulheres no mesmo parâmetro de normalidade. Ou seja, como podemos observar nos casos de Viragindade, Krafft-Ebing descreve mulheres com sentimentos homossexuais, que para além de seu desejo ao mesmo sexo, manifestam grandes dotes artísticos, musicais, intelectuais, características que parecem justificar sua condição anormal.

É interessante perceber que nestes casos ele não amarra a explicação da homossexualidade a possíveis desvios maritais do marido. O que podemos observar então é que para a construção das noções de sexualidade e do desvio sexual tanto de homens quanto de mulheres Krafft-Ebing utiliza as mesmas noções de homem e mulher, de desejo sexual normal e desviante. Os comportamentos masculino e feminino anormal são um problema central nos relatos patológicos de Krafft-Ebing. Assim, pode-se observar a importância do uso estratégico do conhecimento sobre a sexualidade em favor do

⁶⁸ O ato sexual homossexual feminino é tratado por Krafft-Ebing como um sentimento entre mulheres, o que me parece ser uma explicação que utiliza pela ausência do falo propriamente dito. É descrito como uma troca de carinhos, *troca íntima*, ou masturbação ativa em outra mulher.

funcionamento do seu discurso de poder, que produz o assujeitamento dos indivíduos definidos como sexualmente desviantes. Mas não são os homens os objetos de maior interesse de Krafft-Ebing e sim as mulheres, pela sua própria condição tão vizinha da anormalidade segundo o pensamento médico-científico da época. Esposas, prostitutas, ou perversas, as mulheres são construídas pelo seu potencial patológico e patologizante que ameaça a função sexual do homem e a integridade da esfera familiar.⁶⁹

⁶⁹ GAY, P. Op.Cit. Pp. 110-114.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A categorização da vasta gama de males e doentes mentais faz parte do processo de construção e legitimação das instituições psiquiátricas. Elas têm o poder para determinar a patologia dos comportamentos de sujeitos e grupos sociais que se opõem à norma hegemônica do dispositivo da sexualidade, num claro movimento de suspeição pelas alteridades dentro do funcionamento de uma instituição disciplinar. Nesta perspectiva é evidente a importância de se compreender os esquadros psiquiátricos de *Psychopathia Sexualis*, de Richard Von Krafft-Ebing que pela repetição, circulação e destilação do saber atribui forma ao conhecimento das patologias mentais, contribuindo para a formação de um discurso autorizado que constrói o saber acerca e a partir da sexualidade e do sexo anômalo e suas decorrentes e múltiplas subjetividades.

Desde a segunda metade do século XIX a determinação da loucura enquanto doença mental pela instituição psiquiátrica incluiu na sua lista de males, o conjunto de patologias sexuais que remetem a todas as práticas que objetivam o desejo e instinto anormal colocados fora do quadro da normalidade sexual do matrimônio. A função da ciência, justificada então pelos processos de interpretação e de produção cultural que a precedem, resume-se à tentativa de descrição de indivíduos, acabando por produzi-los através do processo de assujeitamento.

O gênero, diante das noções de masculinidade, feminilidade e anormalidade, mostra-se enquanto uma categoria central nos debates das

competências da psiquiatria. Assim, pode-se observar a importância do uso estratégico do conhecimento sobre a sexualidade, refinando categorias do discurso em favor do funcionamento do dispositivo do poder, produzindo o assujeitamento dos indivíduos definidos como sexualmente desviantes. Em muitos dos relatos apresentados nas *História de Casos*, o psiquiatra se refere às mulheres como sendo parte fundamental no processo de controle dos sujeitos desviantes, como os homossexuais, por exemplo, pois ao adentrarem numa relação heterossexual seriam levados ao comportamento sexual considerado normal pela psiquiatria. Neste sentido, encontramos no livro três tipos de mulheres: a esposa, a prostituta e a perversa. A esposa “que, de qualquer forma, possuía uma natureza frígida” seria a responsável pelo comportamento sexual normal do marido. A prostituta, má e doente por definição, ao exercer sua profissão, poderia tirar o homossexual do seu desvio ou reforçar ainda mais a sua anormalidade. A perversa, pelo mal hereditário, demonstra características inaceitáveis em vista da esperada passividade da mulher normal.

Por mais que seja notável a grande quantidade de fracassos nas tentativas de controle pela coerção sexual do homossexual, o que sobressai aos olhos, é a objetificação da mulher pelos esquadros clínicos de Krafft-Ebing. Ela é situada numa posição de inferioridade frente ao homem, condição para a vida saudável em família. A condição de normalidade do sexo masculino e feminino, em *Psychopathia Sexualis*, é a submissão da mulher ao gozo do homem heterossexual. Aos desviantes só poderia restar o exílio na loucura.

FONTES

KRAFFT-EBING, Richard Von. *Psychopathia Sexualis*. Ed. Martins Fontes, SP. 2001.

KRAFFT-EBING, Richard Von. *Psychopathia Sexualis*. Ed. A.P. Watts & CO. Londres, 1894.

BRANDÃO, Teixeira. *Elementos fundamentaes da Psychiatria Clínica e Forense*. Ed Leite Ribeiro e Maurillo. Rio de Janeiro, 1918.

MATTOS, Júlio. *Elementos da Psychiatria*. Ed. Chardron, De Lello & Irmãos. 1911.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CASTEL, Robert. *A Ordem Psiquiátrica*. Rio de Janeiro: Ed. Graal. 1978.
- ENGEL, Magali. *História e Sexualidade*. In: CARDOSO, Ciro F.; VAINFAS, Roberto (org). *Domínios da História*. Campus Editora, RJ. 2008
- FOUCAULT, Michel. *História da Loucura*. São Paulo: Ed. Perspectiva. 1972.
- FOUCAULT, Michel. *O poder psiquiátrico*. Ed Martins Fontes, SP. 2006.
- FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade. Vol1 : A Vontade de Saber*. Ed. Graal. São Paulo, 2010.
- FOUCAULT, Michel. *Os anormais*. Martins Fontes, São Paulo. 2001.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Ed. Graal. Rio de Janeiro, 1979.
- FOUCAULT, Michel. *Arqueologia do Saber*. Ed. Forense Universitária, SP. 2008.
- GAY, Peter. *A experiência burguesa: da Rainha Vitória à Freud. A educação dos sentidos*. Ed Companhia das Letras, SP. 1988.
- HAROUCHE, Claudine. *Da palavra ao gesto*. São Paulo: Papyrus, 1998.
- RAGO, Magareth. *Os Prazeres da Noite: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo, 1890-1930*. Ed. Paz e Terra, Rj. 1991 (fonte)
- MACHADO, Roberto. *Danação da norma: medicina social e constituição da psiquiatria no Brasil*. Edições Graal, 1978.

MARTINS, Ana Paula V. *Um Sistema Instável: as teorias ginecológicas sobre o corpo feminino e a clínica psiquiátrica entre os séculos XIX e XX*. In: Wadi, Yonissa M. e Santos, Nadia M. W.(org) *História e Loucura: Saberes, práticas e narrativas*. Edufu, MG. 2010.

MACHADO, Leonardo D. C. N. *A patologização do desejo: o homossexualismo masculino nos manuais de medicina legal no Brasil das décadas de 1940 e 1950*. UFPR 2010.

OSGA, Cintia. *A Questão Sexual : Ciência, interdição e direcionamento*. UFPR 2003.

OUYAMA, Maurício N. *Uma Máquina de Curar : o hospício Nossa Senhora da Luz em Curitiba e a formação da tecnologia asilar (final do século XIX e início do XX)*. Curitiba, 2006.

REFERÊNCIAS MULTIMIDIÁTICAS

Documentário *Judith Butler : philosophe em tout genre* produzido pela ARTE France & Associes em 2006.

Entrevista à Beatriz Preciado em vídeo – Redes. La2 em 16 de julho de 2006.
Disponível em: www.youtube.com/watch?v=W8wfc2JNMd4 . Acesso em 18 de novembro de 2010.